

## O Facebook e uma despedida

### **Um jornalista não deve se sentir gratificado por fazer tilintar a caixa registradora de Zuckerberg**

EUGÊNIO BUCCI  
22/02/2018 - 08h01 - Atualizado 22/02/2018 08h01

Compartilhar

Assine já!

Em junho de 2012, há quase seis anos, escrevi aqui, neste mesmo espaço, que eu não tinha perfil no Facebook. Eu não “postava” nada, não dava “curtir” em coisa nenhuma. Devo registrar que já tinham feito, em meu nome, um ou dois perfis falsos, que foram prontamente tirados do ar. Fora isso, nunca cheguei nem perto.

Quer dizer: um pouco perto eu cheguei, sim. Às vezes me mandam “prints” de algumas páginas. Outras vezes, peço a “usuários” que abram a tela e me mostrem uma coisinha ou outra. Lembro até hoje a primeira vez em que olhei. Foi traumático. Era a página de um amigo meu, advogado de renome. O que me assustou foi a fotografia. Ele estava sem camisa, bronzeado e um tanto lustroso, sorrindo, ao sol, de braços cruzados e óculos escuros. Plano americano. Vi e virei o rosto na hora. Não entro em feiras de intimidades. Gosto do amigo em questão, mas prefiro não encontrá-lo de colarinho desabotoado. Não quero invadir a praia alheia e, *data venia*, não quero que praias de outrem invadam o meu campo visual.

---

---

Naquele instante, entendi que a rede social é a fase superior da indústria da invasão e da evasão de privacidades. Em êxtase, a humanidade escorria lá para dentro. Quanto a mim, optando por não entrar, fiquei sozinho como um naufrago. Conhecidos meus, que também valorizam a discrição e o anonimato, arriscaram bisbilhotar a nova indústria escondidos atrás de perfis falsos. Eu, nem isso. Não via naquilo nada de interessante, nem mesmo uma “nova tecnologia” que eu devesse conhecer de perto, embora eu percebesse a magnitude do fenômeno, com inteligência artificial, algoritmos ultracomplexos e fórmulas avançadas para acumular, cruzar e vender dados pessoais dos “usuários”. Eu não quis saber. Aquele ambiente de ciberfutrica primário, pulsional, adolescente e antidemocrático me repelia.

Em 2012, quando escrevi uma coluna a respeito (o título era “Por que eu nunca entrei no Facebook”), meu argumento era direto. O império zuckerbergiano se baseava em um pacto desleal, eu dizia. Nos termos desse pacto, eu teria de concordar em ser o operário, a matéria-prima e a mercadoria, tudo ao mesmo tempo e tudo sem receber um tostão. Eu teria de ser o operário porque a função de digitar, gravar, fotografar, editar e filmar o que esse pessoal chama de “conteúdo” ficaria por minha conta. E de graça. Eu também teria de ser a matéria-prima porque todos os “conteúdos” viriam das minhas memórias, das minhas viagens, das minhas leituras, das minhas misérias. Sem pagamento. Por fim, eu seria a mercadoria: o Facebook venderia os meus olhos e as minhas preferências, todas devidamente catalogadas, para anunciantes aos milhares. Eu, claro, não ganharia um centavo. Eu disse não. Eles lá que erguessem o império deles sem a minha participação.

Lembro que, quando o artigo foi publicado, recebi mensagens de protesto. Algumas, furibundas, diziam que era inconcebível que um professor de jornalismo (é o meu caso) rejeitasse o Facebook. Fui bombardeado com desaforos.

Tirei de letra porque, para mim, eram desaforos sem sentido. Acho absolutamente lógico e racional que um professor de jornalismo não aceite trabalhar *pro bono* para um conglomerado que fatura montanhas de dólares explorando multidões escravizadas. Um jornalista profissional não deveria topa, jamais, fazer de graça a atividade que constitui o seu ofício, o seu ganha-pão e, acima de tudo, não deveria cair na ilusão de se sentir gratificado por fazer tilintar a caixa registradora do monopolista global Mark Zuckerberg.

Em 2012, eu já acreditava que jornais também não deveriam colaborar com o Facebook, a não ser mediante uma remuneração justa. Acreditava nisso, mas falava sozinho – a onda toda ia no sentido contrário. Agora, em 2018, sigo sem Facebook e noto que, em toda parte, empresas jornalísticas questionam a deslealdade desse modelo de negócio. Há poucos dias, um jornal brasileiro, a *Folha de S.Paulo*, anunciou que não vai mais “postar” seus “conteúdos” no Facebook. Ainda veremos muitas idas e vindas nesse enrosco, mas, desde já, a decisão da *Folha* é um sinal de mudança. Comemoro.

Aí você, que generosamente me seguiu até aqui, vai se perguntar: mas por que esse colunista foi ressuscitar um texto de seis anos atrás? Respondo fácil. Estou meio no espírito de fazer balanço. Chegou a hora de me despedir destas páginas, onde escrevi por quase sete anos, e um balanço é inevitável. Aqui conheci profissionais que admiro, com os quais aprendi muito e ainda aprendo. Sou grato a todos. Quanto ao futuro, desejo a ÉPOCA um futuro esplêndido, e acredito que assim será.

---

---

